

EDITORIAL

NA ERA DA HIPERCONNECTIVIDADE, NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO

Rodrigo Nóbrega Martins

A educação formal já não pode funcionar sem se articular com dinâmicas mais amplas que extrapolem a sala de aula, que exorbitem os conteúdos técnicos e que se referem à ética e ao respeito como base da formação do indivíduo.

Se, indubitavelmente, avançou-se a passos largos para a chamada sociedade do conhecimento e da tecnologia; se vive-se hoje o auge de um avanço tecnológico, a questão da educação parece não ter superado os antigos desafios paradigmáticos que a ela são atribuídos e que apontam para o respeito ao outro, o respeito às diferenças, o respeito às divergências, a convivência social em harmonia e equilíbrio.

É claro e indiscutível que a tecnologia e a modernidade não são ruins. Fazer mais coisas, desenvolver mais atividades com menos esforço e uma demanda de tempo bem menor em relação ao mundo pré-internet, além de extremamente positivo, coaduna-se com o princípio produtivo da eficiência do trabalho.

Os avanços na automação, as evoluções na área da informática, a atual velocidade com que se dá a comunicação em nível global em caráter instantâneo, a despeito das críticas que lhes recaem (tantas vezes infundadas), representam significativas conquistas e vantagens.

Mas tal, só por si, não basta. Os avanços no campo do conhecimento e da tecnologia sem uma ética fundante que permita organizar e orientar o seu real aproveitamento, levam-nos, via de regra, a cometer mais rápido e em maior escala os mesmos erros do passado e que se resumem em uma sociedade marcada por grandiosíssimas desigualdades, na qual parcelas sociais opostas protegem-se uma da outra. Melhor: guerreiam uma contra a outra.

A priori, pensava-se que o avanço da tecnologia traria o desenvolvimento e o bem-estar de todos. *E.g.* os filmes futuristas imaginavam cidades belíssimas com gigantescos arranha-céus e intenso tráfego aéreo de carros flutuantes. Nestes filmes, não havia miseráveis, mendigos, enchentes, lixo, favelas, misoginia, racismo, preconceitos biologicistas, exclusões e excluídos.

Chegamos aos arranha-céus. E se ainda não existem os carros voadores, também não existe uma ética de respeito e valorização de um para com o outro. Construimos uma modernidade digital, mas com pés de barro, baseada numa espécie de conhecimento obscuro, que privilegia o conforto de uns em detrimento do sacrifício e da miséria de muitos outros.

Infelizmente este cenário tende a permanecer cruel porque se a instituição familiar, “de certa maneira”, delegou a educação de seus filhos, a instituição escolar é, na maciça maioria dos casos, composta por indivíduos competitivamente agressivos, violentos, rasos, desrespeitosos e, como toda instituição, tem a face de seus integrantes. Sendo assim não pode, senão, incentivar e reforçar a violência, a agressividade, a competição, o desrespeito e a perpetuação de uma ética que apregoa que “vencer o outro é vencer na vida”.

Conquistar seu “lugar ao sol” sob o preço da fome alheia é ser um indivíduo bem-sucedido. As consequências dessa desinteligência é brutal: o pai de família desempregado que rouba porque não tem com o que alimentar seus filhos é um ladrão. Mas os multimilionários, que roubam de milhões e matam de fome em série, sem a menor necessidade, são tidos como gênios, com exemplos a serem seguidos, espécies de referência para a sociedade sobre como viver bem a vida.

A escola, não somente aprova, como vive e apregoa essa ética desumana; o conhecimento no âmbito escolar torna-se um elemento de escalada social. Português, inglês, espanhol, matemática, história e todas as disciplinas escolares deixam de ser caminhos de cultivo do pensar e do sentir do indivíduo; deixam de ser um convite ao próprio mergulho no conhecimento e se transformam em ferramentas que -

possivelmente - ajudarão o indivíduo a acumular porque, equivocadamente, associamos a ideia de felicidade e realização à ideia de acúmulo material.

Este equivocado paradigma conceitual, amplamente dominante, tem gerado eleitos e desvalidos, ricos e miseráveis, reis e mendigos; tem gerado uma legião faminta submetida por uma minoria alucinada.

A educação formal, como instrumento manipulado pelo Estado tem sido historicamente usada na manutenção desse absoluto estado desigual de pobreza humana de ricos e miseráveis. Afinal, “seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de maneira crítica”, como bem aponta Paulo Freire em “Ação Cultural Para a Liberdade”.

Robusta em seus instrumentos técnicos na linha profissionalizante; farta em elementos punitivos, esta educação se mostra frágil demais para ser transformadora no campo da ética individual e, posteriormente, numa ética social em larga escala.

Nesse sentido, o conhecimento científico sempre dedicou pouca atenção aos processos de formação ética do indivíduo que mais tarde adentrará o social em seu sentido mais amplo. Frente às transformações tecnológicas que varrem o planeta, o mundo da educação permanece

tímido em suas possibilidades éticas.

Urgem mudanças.